

COMPREENSÃO, FLEXIBILIDADE E NEGOCIAÇÃO: EXERCITANDO A EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO ENSINO SUPERIOR

Maria de Fátima de Souza ¹

INTRODUÇÃO

As relações entre professores e alunos no ensino superior incluem todos os desafios das relações humanas, no que concerne aos valores e à ética; sendo acrescidas das exigências normativas e legais que regem os processos formativos no âmbito do sistema educacional. São seres humanos interagindo entre si, cada um com suas atribuições que se potencializam para atingir os objetivos da formação integral.

Esta terminologia e seu significado têm sido muito debatidos no ensino básico; mas, a formação do ser humano, como indivíduo e como cidadão não se finda nesse ponto da trajetória da educação formal. Ao contrário, a formação de um profissional em nível superior, deve envolver a promoção e o aperfeiçoamento da formação integral e cultural do ser humano, com realces sobre os valores morais e princípios éticos, independentemente de sua área de formação (BERTOLIN, 2017).

Assim, a educação superior, especialmente a pública, têm a missão de formar profissionais competentes, com cultura geral que lhe permita ter uma visão ampla da realidade e ao mesmo tempo com entendimento mais aprofundado dos processos que compõem sua tecitura. A fim de que esses profissionais alcancem um nível de discernimento que os permita fazer escolhas construtivas para si e para a sociedade, com bases nos conhecimentos técnicos e científicos. Além de propiciar a oportunidade de uma formação cultural, da ética e dos valores que repercutem sobre o crescimento pessoal e melhoria das relações interpessoais (VALENTE; ALMEIDA, 2020). De forma que esses profissionais sejam capazes de respeitar os limites de convivência dentro da nossa espécie, com as outras espécies, incluindo seu modo de evolução natural; e, ainda, com relação aos elementos desprovidos de vida que são parte constituinte do nosso planeta.

¹ Docente do Departamento de Microbiologia e Parasitologia, Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fatimasouzagrupoambiental@email.com

É fundamental mencionar que uma formação em nível superior que preencha os requisitos supramencionados pode ser gestada e operacionalizada, de forma mais segura, no âmago da democracia; e, ao mesmo tempo, deve contribuir para o seu fortalecimento. Nesse contexto, é aprazível o respeito aos diferentes saberes, o acolhimento às diferenças de raça, cor, expressões culturais e religiosas. Isso, de forma prática e naturalizada, não apenas em discursos ou produções textuais. Importa ressaltar, que aqui não está se tratando de uma proposição utópica; mas, sim, da busca pela justiça e paz.

Por se tratar de processo educativo formal esse viés formativo deve ser inserido intencionalmente nas atividades e vivências, ao longo do percurso. E deve ser mencionado expressamente, a fim de desvelar aspectos que se contraponham sutilmente ao respeito mútuo, à verdade, à justiça e ao bem comum.

Para se desenvolver respeito mútuo, faz-se necessário compreensão. Isso resulta do exercício cotidiano pela busca por conhecimento sobre o assunto que estiver em pauta, seja por meio de leituras ou até mesmo pelo ouvir o outro, sem julgamento, quando for o caso. A compreensão aprofundada de um fato, situação ou condição pode inverter posicionamentos; pode fazer alguém sair da posição de recusa, para a de aceitação da perspectiva da outra pessoa.

Isso significa desistir de atender aos nossos impulsos autocêntricos para dar lugar à empatia, a qual conduz ao envolvimento, ao altruísmo e à piedade; abrindo-se os caminhos para a tolerância e aceitação das diferenças. A empatia é um ato de compreensão tão seguro, quanto é um registro documental confiável e pelo papel que exerce nas relações humanas se constitui uma premissa básica para a democracia.

Se a compreensão do outro é essencial na relação interpessoal, alguns aspectos a antecedem, que são: o discernimento emocional e a autocompreensão, ambos podem ser alcançados pela capacidade de controlar os próprios sentimentos, a cada momento. Para isso, é imprescindível reconhecer um sentimento quando ele ocorre, ou seja, é necessário ter autoconsciência emocional. E é aqui a sede do desenvolvimento da empatia, essa capacidade pessoal tão necessária no contexto educacional; pois, favorece à percepção de sinais sutis do mundo externo que indicam o que os outros precisam ou o que querem. (GOLEMAN, 2011).

Nesses termos, a flexibilidade é essencial ao exercício da empatia. Compreender o outro é se colocar à disposição de si mesmo para quebrar suas próprias concepções pautadas em ideias preconcebida sobre algo ou alguém, mudar o que for possível e

necessário; e manter a serenidade diante do que não pode ser mudado, o outro, por exemplo. O objetivo desse trabalho é refletir sobre estratégias de mediação dos processos educacionais que atendam às normas institucionais e que, ao mesmo tempo, se adequem a amenizar a tensão entre as partes envolvidas diretamente nesses processos.

METODOLOGIA

Essas reflexões se pautam em experiências que emanam da minha trajetória na docência no ensino superior em uma universidade pública brasileira; e, ao mesmo tempo, da busca por ajustar os procedimentos, às dinâmicas que envolvem os alunos, no âmbito dos componentes que tenho ministrado.

Convém ressaltar que desde o princípio não foi assim, até porque pertenço a uma geração de estudantes onde as regras prevaleciam sobre as condições sociais e até humanas, em muitos casos. Mas, o tempo permitiu que os ventos dos saberes soprassem novidades na área da inteligência emocional, onde a compreensão advinda do olhar sensível e do ouvir atento ajuda a decidir por continuar em uma direção ou mudar o rumo.

Para isso, tem sido necessário que cada trecho a ser percorrido seja planejado tendo em mente a flexibilidade e com flexibilidade na mente. Isso, sem jamais renunciar à qualidade do ensino, nem ao autêntico progresso dos alunos. Na realidade, temos conseguido alcançar os objetivos educacionais propostos; exercitando, conscientemente, a compreensão, a flexibilidade e a negociação, onde e quando têm sido consideradas adequadas para otimizar os processos educativos e para favorecer os atores envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ambiente acadêmico é permeado por normas que regulam as ações docente e discente. Um dos aspectos muito bem monitorados são os prazos, especialmente quando se trata de organizações que contam com um sistema automatizado para o controle das atividades acadêmicas.

Também, há tempos definidos em microambientes, como por exemplo, em atividades de laboratório como provas práticas, onde os alunos dispõem de um tempo específico para identificar estruturas ou exemplares de algum ser e responder o que se

pergunta a respeito. Essa delimitação do tempo costuma ser marcada pelo som de uma sineta metálica.

No conjunto, esses fatores contribuem para potencializar o estresse dos alunos que já têm que se empenhar em participar das aulas, estudar, responder atividades, apresentar seminários, aprender a conviver com novas metodologias de ensino, que podem variar conforme a natureza dos componentes acadêmicos e com as escolhas dos professores. São muitas demandas ocorrendo simultaneamente. E, certamente, têm suas razões de ser.

Para além disso, existem a diversidade de situações que são da parte dos alunos, como questões sociais (especialmente financeiras) e familiares, distância percorrida desde a residência até a universidade, violência urbana, poucas opções de transporte coletivo e até dificuldades com a alimentação. Some-se a isso, os adoecimentos, que chamam muito a atenção nos últimos tempos pela frequência com que ocorrem ou até mesmo pela manifestação de sintomas em sala de aula, tais como, sudorese, taquicardia e choro. Dentre as causas de adoecimentos contam-se as doenças psicológicas e psiquiátricas, com registro no sistema acadêmico ou não; e, nos últimos anos, as doenças virais respiratórias.

Manter o imperativo ético em relação à qualidade do ensino de graduação inclui, no meu entender, assumir conscientemente uma postura mais humanizada. É preciso assumir um papel proativo na atenção à dinâmica de conduta dos alunos e na busca daqueles que, muitas vezes, silenciam, se fecham no seu mundo ou mesmo se evadem. É se disponibilizar para ouvir de forma empática, compreender, encorajar e oferecer opções. É estabelecer um ambiente de confiança e amorosidade, sem perder de vista os compromissos formais com os objetivos da formação profissional e integral desses alunos.

Por tratar-se de experiência vividas aqui apresento um resumo de um caso de uma aluna que respondeu à sua prova teórica, muito aquém do exigido. Durante a correção o que mais me intrigou não foi a escassez de conteúdo das respostas, e sim, a escrita em si. Sinceramente, não sou expert nesse assunto, mas ao observar aqueles rabiscos entendi que era como se ela estivesse completamente desconectada daquele momento, daquele ambiente. Desconsidereei aquela prova; não atribuí pontuação a ela. Esperei reencontrar a aluna pessoalmente. Um certo dia, ela ia passando junto ao laboratório de aulas práticas e eu a chamei. Eu disse que estava desejando falar com ela, há alguns dias. Ela já cuidou de se justificar com relação a ter estudado pouco para a prova. Eu disse para ela que não se tratava disso. Olhei nos seus olhos e perguntei: Como você está? De imediato, ela

desabou no choro. Eu a acolhi, em silêncio. Quando ela já estava mais tranquila, eu lhe disse: Era sobre você que eu estava querendo saber, você tem prioridade sobre essa prova e sobre a nota. Para essas coisas ainda temos tempo para resolver, até porque o semestre ainda está no início. A partir de então ela passou a ser assídua às aulas e os seus resultados se mantiveram ótimos.

Providências para situações mais frequentes também têm sido adotadas, como assegurar que o tempo de resposta das provas práticas poderá ser ampliado, caso se constate a insuficiência do que foi pré-estabelecido. Assim como, mudar a estratégia de sinalização da finalização do tempo, por questão. Já que muitos alunos têm expressado desconforto ao ouvir o clássico som da sineta que marca o tempo nas atividades práticas em laboratório.

De outro ponto de vista da relação professor aluno na universidade, vale lembrar que há alguns anos, nós passamos por um “surto de denúncias” feitas por alunos contra professores; muitas das vezes, sem fundamento. Aqui cabe alguns exemplos. Uma certa vez uma professora sofreu um sério problema cardiovascular antes de sair de casa para ministrar aulas na universidade. Foi socorrida e internada em uma unidade de terapia intensiva. Dada a urgência, ainda não tinha sido possível informar à turma sobre o ocorrido. A professora veio a falecer. E entre o momento que ela passou mal e faleceu, ela foi denunciada como tendo faltado à aula, que de fato, faltou pelas razões expostas.

Outro caso foi de um professor que ministrou sua aula nos primeiros horários da noite e no dia seguinte ao chegar ao seu departamento corria a notícia de que ele tinha sido denunciado por faltar à aula. Qual foi o fato? O professor das últimas aulas faltou, mas o denunciante não se preocupou em checar o nome dos professores antes de operacionalizar a denúncia e acabou causando um transtorno ainda maior.

São dois exemplos diferentes, baseados em casos reais, mas com breves modificações para manter o anonimato. Mas, o que eles têm em comum? A pressa em se fazer um registro negativo contra uma pessoa, sem a preocupação de checar os fatos ou autorias. Talvez por falta de um senso orientado para pensar em outras possibilidades, que podem ocorrer a qualquer ser humano; e não apenas a ideia de irresponsabilidade. Fatos como esses se tornaram muito recorrentes, com algumas consequências, no mínimo, estressantes.

Para além de recordações desagradáveis esses fatos instigaram respostas positivas por parte de alguns docentes; tais como, inserir orientações específicas de como agir



nessas situações de falta de professores às aulas ou mesmo no momento das avaliações dos docentes pelos discentes, a cada semestre, diretamente no sistema acadêmico.

De qualquer modo, os fatos revelaram um hiato quanto aos valores morais e éticos, e deficiência no desenvolvimento da inteligência emocional, em si, nessa via da relação aluno professor. E, ao mesmo tempo, uma janela de oportunidades para se tratar, conscientemente, a respeito do exercício desses atributos em toda trajetória formativa de qualquer profissional; especialmente, na formação dos futuros professores.

A fim de que a universidade possa entregar à sociedade pessoas com mentes preparadas para desempenhar suas funções específicas com competência; e com a capacidade de compreender de que todos nós e cada um de nós, constitui uma parte de um todo. E que aquilo que não queremos que os outros nos façam, devemos evitar de fazê-lo aos outros.

REFERÊNCIAS

BERTOLIN, J. A formação integral na educação superior e o desenvolvimento dos países. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n.165, p. 848-871. jul./set., 2017.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Traduzido de: Emotional Intelligence. Traduzido por: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 407 p. Recurso digital. Disponível em: <https://cutt.ly/q1XCT6t>.

VALENTE, S.; ALMEIDA, L. S. Educação emocional no Ensino Superior: Alguns elementos de reflexão sobre a sua pertinência na capacitação de futuros professores. **Revista E-Psi**, v. 9, n. 1, p. 152-164, 2020. Published Online. Disponível em: <http://www.revistaepsi.com>